

Ilustração: Victor Carvalho

Editorial

E eu com isso??

Por Cláudia do Couto, coordenadora do Processo de Sensibilização do Saber para Cuidar.

A correria dos nossos dias tem nos tornado cada vez mais insensíveis ao outro e sua dor. "Mal tenho tempo de pensar em minhas próprias dores", alguns diriam. Isso é verdade, porém nos esquecemos que, ao desviarmos o olhar de nós mesmos e buscarmos um olhar empático com a condição dos que nos cercam, estamos dando um passo decisivo para melhorar a sociedade para todos.

Maio e junho têm várias datas que nos lembram importantes situações: Dia do Trabalho, Dia das Mães e o Dia Mundial do Meio Ambiente são alguns exemplos. Mas neste informativo falaremos de duas: 13 de maio, Dia da Abolição da Escravatura no Brasil, e 14 de junho, Dia Mundial do Doador de Sangue. Muitos olharão para estas datas e dirão: "e eu com isso?". Mas a verdade é que estamos todos juntos nesta jornada da vida, dividindo o mesmo planeta e país. Ao refletirmos "a tal abolição" e suas questões políticas ou ao pensarmos na doação de sangue a alguém que talvez nem conheçamos, estamos na verdade mudando a nós mesmos, aprimorando nossa humanidade e gerando um mundo melhor, com mais prazer em viver.

Da mesma maneira quando pensamos na causa da pessoa com doença falciforme. Você pode não conhecer alguém que tenha a doença, ou até conhecer e não saber, mas pensar em melhoria de sua qualidade de vida é pensar em um dia viver num mundo mais justo e mais igualitário, portanto, mais aprazível a todos!

Nesta Edição

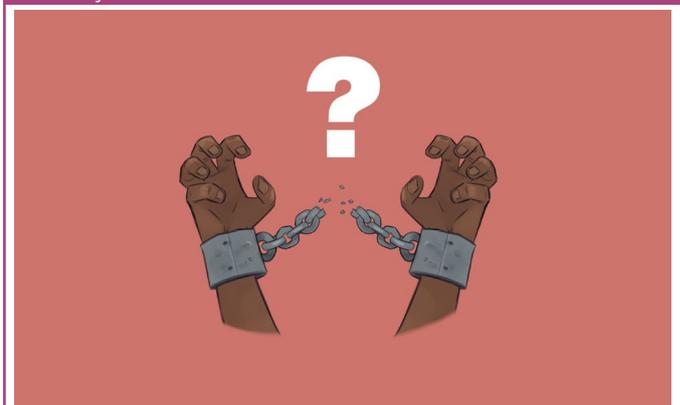


Ilustração: Alex Marmetes

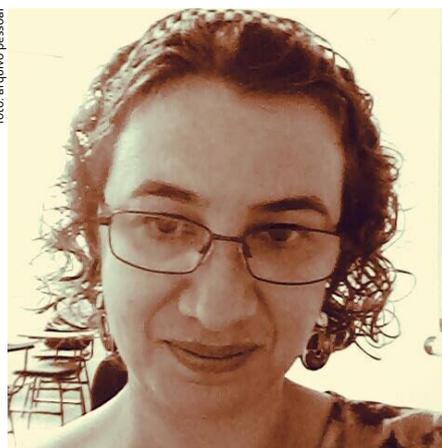
Novidades do Saber.

Página 2

Quem aboliu a escravidão mesmo?

Página 3

A Cara do Saber



Por Sara Lança, pedagoga.

Sou pedagoga, especialista em Design Educacional e mestranda em Educação e Docência pela UFMG. Atuo como consultora do Saber para Cuidar desde 2014 em ações específicas do curso ofertado na modalidade EaD.

A troca de experiências com a equipe multidisciplinar tem contribuído significativamente para minha formação acadêmica e profissional, dada a relevância social do projeto que visa aprimorar a qualidade da atenção integral às pessoas com doença falciforme. Destaco também seu pioneirismo e inovação, na perspectiva de promover a articulação entre os setores Saúde e Educação e no planejamento e desenvolvimento de ações conjuntas em prol da capacitação de profissionais da educação para atuarem de acordo com as necessidades das pessoas com doença falciforme no contexto escolar.

O sucesso constatado nas primeiras ofertas do curso vem confirmar o comprometimento de todos os envolvidos, na perspectiva da saúde como direito de todos. Além de servir como inspiração para o desenvolvimento de novos projetos ancorados em ações intersetoriais. Considero esta iniciativa um grande avanço para as duas áreas.

Parabéns a toda a equipe pelo ótimo trabalho!

Projeto

Novidades

Por Raíssa Azevedo, coordenadora do Processo de Formação de Profissionais da Educação do Saber para Cuidar.



Reunião equipe Saber para Cuidar e Ações Afirmativas da UFMG (8/4/2016 Cehmob-MG)

O ano de 2016 chegou trazendo novidades mil para o Saber para Cuidar. Desde o final de 2015, e efetivamente a partir deste ano, o Projeto conta com a participação do programa **Ações Afirmativas da UFMG** em nossas atuações. Esta parceira aponta para a necessidade de enfatizarmos dentro do Projeto a educação para as relações étnico raciais, ampliando a discussão da atenção integral ao aluno com doença falciforme. Esse é mais um passo importante em direção à efetivação do direito de acesso à educação de qualidade por todos.

O Projeto está crescendo e estamos investindo no processo de formação de profissionais da Educação. Além do convênio com o Estado, agora firmamos um convênio com a Secadi- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, no Ministério da Educação. Ainda este ano, em setembro, iniciaremos 15 turmas para os profissionais que atuam em escolas municipais dos cinco estados com maior incidência da doença falciforme: Maranhão, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

O curso de Minas Gerais está passando por um processo de revisão e chega em 2017 com muitas modificações em sua estrutura. Vocês vão adorar! A inserção da discussão étnico racial vai enriquecer bastante o nosso debate.

Quem aboliu a escravidão mesmo?

Por Luiz Canto, estagiário de Psicologia do Saber para Cuidar.



Foto: Carol Moreira. Arte: Luiz Romaniello

No dia 13 de maio de 1888 a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, abolindo toda a escravidão no Brasil, certo? Errado! Antes de coroar a princesa Isabel como salvadora da população negra no país, devemos analisar o contexto histórico, desde antes do surgimento da lei até os dias de hoje.

Desde o início da escravidão no Brasil, os negros escravizados já lutavam pela liberdade e pelo seu espaço de direito na sociedade. Liberdade que ia muito além do direito de ir e vir: liberdade de expressão e de reafirmar sua identidade pela língua, religião e cultura. Para isso a população negra utilizou tudo o que estava ao seu alcance: lutas, fugas e criação de quilombos, até a inserção de elementos de sua própria cultura e conhecimento nas práticas da sociedade da época.

Quando foi criada a Lei Eusébio de Queiroz, que proibia o tráfico de escravos para o Brasil, os negros já se organizavam em quilombos

e ofereciam cada vez mais resistência às condições impostas. Impossibilitado de importar mais negros, o Brasil passou a buscar mão de obra assalariada nos imigrantes e passou a investir no tráfico de escravos interno. Porém, os negros eram muito mais capazes não só no trabalho, mas também na guerra. Na Guerra do Paraguai os negros conquistaram mais que a vitória, eles começaram a despertar na sociedade brasileira um sentimento de dívida, que culminou na Lei do Ventre Livre, que tornava livre todos os filhos de escravas que nascessem a partir dessa data e permitia que o escravo comprasse sua própria liberdade (carta de alforria). Essa lei teve imensa importância no processo, mas estava longe de ser ideal. A lei tornava essas crianças e adultos “livres”, mas não dava nenhuma condição deles viverem sem o trabalho escravo.

Insatisfeitos com a situação, os negros continuaram a luta como podiam. Com o apoio do movimento

aboliconista, conquistaram a Lei dos Sexagenários, que libertava todo escravo com mais de 65 anos. Por fim, perante fugas em massa, rebeliões, insatisfação popular e pressão de outros países, a Lei Áurea finalmente foi promulgada, “abolindo” a escravidão no território brasileiro.

Na teoria, a escravidão acabou em 1888, mas na realidade permanece até hoje. Não é necessário pesquisar muito para ver o nível de desigualdade no país, a começar pelo modo como, muitas vezes, pervertemos a nossa própria história a fim de tirar do negro a importância no processo. A abolição da escravidão foi uma conquista dos negros e é parte de uma luta que continua. A inclusão da doença falciforme na triagem neonatal, assim como a busca por melhores condições de saúde e educação para as pessoas com a doença, também são conquistas da população negra e que precisam ser evidenciadas e apoiadas para que a luta continue.

Informe-se

Doe sangue: ajude a vida e compartilhe esperança

Por Marina Oliveira, estagiária de Psicologia do Saber para Cuidar.



Para muitos desses problemas o melhor tratamento é a transfusão de sangue ou de componentes sanguíneos, e a sua não realização pode prolongar a situação de crise do paciente e, em alguns casos mais graves, levá-lo a óbito. Por isso, as campanhas realizadas em 14 de junho devem ser lembradas ao longo do ano, para que nunca falte o tratamento essencial para tantos pacientes.

É importante dizer que a doação de sangue não é um processo demorado, nem prejudica o doador. Levar essas questões às escolas e comunidade é extremamente válido para despertar em crianças e adolescentes a vontade de ajudar não só em casos de urgência, mas frequentemente, criando uma cultura de doação de sangue mais preventiva e menos emergencial.

14 de junho: Dia Mundial do Doador de Sangue, momento para lembrarmos a importância da doação de sangue para a pessoa com doença falciforme! Neste dia ocorrem diversas campanhas de conscientização, pois há muitas pessoas sensibilizadas para a necessidade da doação apenas quando alguém próximo precisa, o que acaba criando a ideia de que a doação de sangue só é necessária em casos emergenciais, em acidentes ou cirurgias. Mas, e as pessoas que sofrem de doenças crônicas que inesperada e constantemente precisam transfundir sangue, como na doença falciforme?

Sabemos que a pessoa com doença falciforme produz hemoglobinas com o formato diferente, semelhante a uma foice, o que dificulta o transporte do oxigênio no corpo. Além disso, essas hemácias frequentemente se ligam às paredes dos vasos sanguíneos e se acumulam em um local, dificultando a circulação do sangue e causando dores intensas. Outras manifestações clínicas decorrentes são a icterícia, anemia, infecções e febre, síndrome mão-pé, crise de sequestração esplênica, crise aplásica, priapismo.

Convidamos vocês a difundir na sua escola, bairro e comunidade essa nova cultura de prevenção e, principalmente, de amor. Amor próprio e ao próximo, pois doar sangue pode melhorar a qualidade de vida das pessoas e salvar vidas. Não deixemos que a conscientização do Dia do Doador de Sangue aconteça apenas nesse dia, mas em todos.

Saiba mais no site da Fundação Hemominas: <http://www.hemominas.mg.gov.br/duvidas/64-doacao-de-sangue>

Você quer dividir conosco sua experiência na atenção à pessoa com doença falciforme? Escreva-nos no projetosaberparacuidar@gmail.com e envie uma foto. Quem sabe na próxima edição você participa conosco?

Expediente

Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias (Cehmob-MG) – Coordenação Geral: José Nelió Januario e Mitiko Murao. **Coordenação Técnica do Saber para Cuidar:** doença falciforme na escola: Isabel Castro. **Redação:** Cláudia do Couto, Luiz Canto, Marina Oliveira, Raíssa Azevedo, Sara Lança. **Instituições realizadoras:** Ministério da Saúde, Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais, Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, Fundação Hemominas. **Instituição parceira:** Associação de Pessoas com Doença Falciforme e Talassemia do Estado de Minas Gerais (Dreminas). **Assessoria de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG:** Gilberto Boaventura (Reg. Prof. MG 04961JP). **Edição:** Rafaella Arruda. **Projeto Gráfico e Diagramação:** Luiz Romaniello. **Atendimento Publicitário:** Desirée Suzuki. **Boletim de circulação online:** www.cehmob.org.br. **Contato:** jornalismo@medicina.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que citada a fonte.